

# Vida adulta, processos motivacionais e diversidade

Adult life, motivational processes and diversity

BETTINA STEREN DOS SANTOS\*  
DENISE DALPIAZ ANTUNES\*\*



**RESUMO** – O artigo apresenta os processos motivacionais internalizados na vida adulta, a possibilidade de novas construções intrapessoais, bem como, a diversidade de vivências intrínsecas e extrínsecas, entre situações pessoais e contextos culturais, que essa fase da vida evidencia e acabam por constituir estes processos de motivação ao longo da vida. Constitui-se de um estudo bibliográfico com o objetivo de proporcionar maior entendimento acerca da vida adulta, dos processos motivacionais e da diversidade nesta fase da vida.

**Descritores** – Vida adulta; processos motivacionais; diversidade.

**ABSTRACT** – This article presents: the motivational processes internalized in adulthood age, the possibility of new intrapersonal constructions, and diversity of intrinsic and extrinsic experiences in personal situations and cultural contexts, involved in that stage of life and which end up constituting these motivation processes during life time. This work is a bibliographic study which aims to provide a broader understanding about adulthood age, the motivation processes and diversity in this period of life.

**Key words** – Adulthood; motivation processes; diversity.



## INTRODUÇÃO

A vida adulta constitui-se na fase mais ativa e longa dentro da sociedade. O ser humano adulto vivencia em suas próprias situações de vida, características que lhe são particulares. A grande maioria produz e

---

\* Doutora em Psicologia Evolutiva e da Educação, professora do Programa do Pós-Graduação em Educação da PUCRS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Processos Motivacionais em Contextos Educativos. *E-mail*: [bettina@puers.br](mailto:bettina@puers.br)

\*\* Mestre em Educação pela PUCRS, professora da Rede Estadual de Educação do RS. Membro do Grupo de Pesquisa Processos Motivacionais em Contextos Educativos. *E-mail*: [denise.dalpiazz@terra.com.br](mailto:denise.dalpiazz@terra.com.br)

*Artigo recebido em: janeiro/2007. Aprovado em: janeiro/2007.*

trabalha; do trabalho vive e dele sobrevive, em qualquer circunstância de realidade social, econômica e cultural. Estudar e entender a adultez é conhecer e perceber o que a sociedade busca em termos de futuro, e qual ideário social está construindo.

Como em outras épocas históricas, as mudanças de paradigmas se devem muitas vezes às novas estruturas sociais. As transformações de ordem demográfica, o envelhecimento da população mundial, poderão determinar modificações no comportamento do ser humano. Com o aumento da população idosa no mundo inteiro, também há um aumento do número de pessoas adultas que terão uma vida mais ativa socialmente, em todos os sentidos, de empregabilidade, de economia e de cultura, e acima de tudo, de aprendizagens. O progresso não está na evolução humana, mas no futuro que o próprio homem busca e atribui às suas relativas construções em novos contextos sociais.

Assim, a preocupação com estudos da idade adulta, justifica-se em parte, pela realidade da revolução demográfica que é prevista por especialistas dessa área. Ao analisar a vida adulta em sua diversidade apontam-se os processos motivacionais que poderão se estabelecer nesta fase da existencialidade humana.

### **FASES DA VIDA ADULTA**

A adultez, fenômeno do desenvolvimento humano, apresenta-se com novas responsabilidades, em novos referenciais de existencialidade, em novas conquistas, em busca de um maior entendimento desta importante e mais abrangente etapa da vida humana. Por ser a fase mais longa da existência do ser humano, merece especial atenção, mesmo porque há pouco tempo vem sendo entendida e percebida com tais referenciais.

Assim, compreender as interações que perpassam o fenômeno da vida adulta, em cada ser humano, é entender o processo de desenvolvimento, com suas aprendizagens e singularidades. É conceber que estar aprendendo é estar vivo, é ter vida, é não envelhecer em sua interioridade. É distinguir-se no social com responsabilidades, com direitos e deveres, com necessidades de partilhar desejos e novas conquistas.

Contudo, são diferenciadas as responsabilidades sociais que advêm ao indivíduo adulto. Tanto pelas conquistas, pelas lutas de classe, pelos preconceitos de raça e gênero, quanto pelas divisões de tarefas dentro do contexto familiar. A estrutura familiar atual provoca muitas mudanças que,

ao longo do desenvolvimento social, foram sendo estabelecidas em normas e conceitos. Não obstante, está a geratividade, como responsabilidade com sua descendência, tanto em relação às pessoas, como também com as realizações produzidas ao longo da vida. Essa responsabilidade pessoal, revelada ao indivíduo na fase adulta de sua vida, pode constituir-se parâmetro para novas aprendizagens e renovadas conquistas, apontando motivações externas para cada pessoa em sua época e momento próprio de vida.

Mesmo que possa não ser do entendimento de muitas pessoas, são várias as transformações biológicas que ocorrem do início ao final da vida adulta. As capacidades físicas são um exemplo disso, as quais poderão reverter-se do físico ao psicológico na adultez, e, conseqüentemente, nas relações intra e interpessoais.

Os aspectos fisiológicos e psicológicos são os que impulsionam a conduta do ser humano. Quando tentamos entender as necessidades básicas de cada ser humano, e como elas são saciadas, devemos compreender que estas fazem parte da interação complexa de mecanismos fisiológicos e processos psicológicos em cada um. Para Schaie e Willis (2003, p. 298), “como adultos, nossas condutas relacionadas com as necessidades físicas básicas, tais como comer, beber e ir ao banheiro, refletem as expectativas culturais, as experiências de socialização e as condutas aprendidas, além de fatores fisiológicos”.

Portanto, também os estudos das necessidades básicas devem levar em conta os processos psicológicos construídos em cada indivíduo ao longo de sua existência, bem como a cognição como processo do conhecimento. Assim, as características pessoais, a dinâmica do aprender e os fenômenos biológicos fundamentam e envolvem todas as dimensões do ser humano, em total integração do corpo e do espírito, e do ser com o fazer. Quando isso não ocorre, se produz alienação e perda do sentido social e individual no viver em cada ser humano (MATURANA, 2004).

Contudo, para estudar as percepções e entendimentos e/ou desconhecimentos acerca do adulto, faz-se necessário uma maior compreensão das características que permeiam as fases da vida adulta, com possíveis divisões em etapas e suas idiosincrasias. Adverte-se que, neste estudo, optou-se pela teorização de Juan Mosquera (1982, 1987) sobre a vida adulta e suas fases.

Mosquera (1982) apresenta as fases da vida adulta em adultez jovem, adultez média à adultez velha. Dentro dessas três divisões e concepções de

vida adulta, outras subcategorias se apresentam, cronologicamente. No entanto, o autor, esclarece “que cada fase tem uma problemática específica, dividida em sub-problemáticas que atingem as pessoas em seus momentos decisivos ante seu próprio projeto vital e suas relações com os outros” (MOSQUERA, 1982, p. 98).

Cabe ressaltar que a questão cronológica, que divide cada fase na vida adulta parece estar ligada à época em que a sociedade vivencia historicamente até a contemporaneidade, ou seja, as divisões de faixa etária podem ser distribuídas de acordo com o contexto social em que a pessoa estiver inserida.

Antunes (2007, p.52) assinala que “ao ressaltar a não linearidade das divisões da vida adulta, aponta-se a muitas caracterizações, seja pela forma como a maturação e desenvolvimento psicológico acontece, como pelas responsabilidades e realidades que o social lhe propuser”.

Então, conforme Mosquera (1982), a *adulterz jovem* se subdivide em fase inicial denominada *adulterz jovem inicial*, com idade aproximada entre 20 e 25 anos. Em seguida, a *adulterz jovem plena* que compreende dos 25 a 35 anos, e, por fim, a *adulterz jovem final*, abrangendo dos 35 aos 40 anos de idade.

No que se refere ao *adulto jovem*, suas características físicas e psicológicas, bem como, suas personalidades únicas, Mosquera (1987, p. 80), elucida que há nessa fase da vida

uma grande vitalidade e uma valorização da individualidade. O *adulto jovem* está dotado dos mais fortes impulsos, os quais se manifestam, tanto pela impulsividade como pelo emprego vivo de suas forças. Seu estado de espírito frente à vida alcançou, por regra geral, um elevado nível. A alegria de viver e o prazer da existência lhe fornecem perspectivas.

Logo, parece que na *adulterz jovem* o ser humano busca uma valorização pessoal, objetivando um desejo intrínseco da avaliação positiva de sua pessoa pelos conhecimentos até então adquiridos e construídos, sempre numa expectativa de alcançar uma avaliação positiva frente ao social, a respeito de si mesmo. Com muita personalidade, mas talvez com resquícios da onipotência da adolescência, mesmo que o medo do desconhecido venha a impedir novas aprendizagens e construções individuais. O *adulto jovem* deseja recompensas rápidas e externas de suas motivações e busca experimentar e demonstrar muita competência, entre produções próprias de suas investidas socioeconômicas e desejos intrínsecos.

#### **Educação**

Ainda, entre as subdivisões da vida adulta jovem salienta-se, conforme estabelecido por Mosquera (1982), que na subfase adulez jovem plena o adulto toma consciência da chegada em sua existencialidade adulta e procura se dar significância pessoal. No entanto, ao final da idade adulta jovem, o indivíduo vivencia situações que lhe atribuem o verdadeiro valor de sua existência e compreende, ou pelo menos idealiza, o que constituirá sua realização.

Nesse sentido, de crescimento em busca da própria realização, não estão apenas tratados os poderes econômicos adquiridos na vida adulta, mas conforme Mosquera (1982, p. 100), o fundamental é que “a pessoa dá conta da importância que ela tem como ser humano”.

No que concerne à adulez média, suas subdivisões são a adulez média inicial compreendendo a faixa etária dos 40 aos 50 anos, a fase dos 50 aos 60, nomeada de adulez média plena e a adulez média final, aproximadamente, dos 60 aos 65 anos de idade cronológica.

Nessa segunda fase da vida adulta, adulez média, provavelmente o homem tenha alcançado seus objetivos particulares de família constituída, de empregabilidade e de moradia, e entre outras percepções acerca da vida, a adulez média lhe revela a temporalidade humana fazendo-se consciente a imortalidade.

Não obstante, no adulto médio, segundo Mosquera (1987, p. 96),

parece existir, predominantemente, uma tendência à extroversão, isto é, uma visualização para o mundo exterior. O adulto médio se sente possuído pelo afã de produção e por interesses objetivos, deseja ser eficaz e ter êxito. Provavelmente para dar mais firmeza e conteúdo à segurança da sua própria pessoa.

Nisso, provavelmente, percebe a utilidade de suas construções pessoais frente ao social, num ímpeto de ser útil e aprender o que é ser útil. O que motiva o adulto, nesta fase, possivelmente, é a própria disponibilidade. A motivação de desempenhar suas atividades e demonstrar suas capacidades tornam-se explícitas nas próprias ações sociais. Pode-se supor, também aqui, a retroalimentação de suas ações num sentido de superar os próprios erros.

Assim, pode ser que na adulez média inicial revele-se um adulto que se preocupa mais com os outros indivíduos a sua volta do que propriamente com seus desejos e perspectivas, que resultem em conseqüências positivas ou negativas em suas subjetividades. O ser humano, com seu potencial resiliente abarcará distintas aprendizagens. Mosquera (1982, p. 101)

#### **Educação**

salienta que “muitos dramas se escondem entre os 40 e 50 anos de idade: fracassos afetivos, sexuais, medos, ansiedades e angústias”.

Na fase posterior, na adultez média plena, os mesmos sentimentos pessoais, apresentados anteriormente na fase entre os 40 e 50 anos, ficam mais evidenciados pelas percepções clarificadas das ações sociais. Essas atitudes tornam-se mais dificultadas pelas características próprias dos 50 aos 60 anos, aproximadamente, pois as condições físicas não mais acompanham os desejos intrínsecos de cada ser humano. Vontades que se efetivam, provavelmente, na adultez jovem.

Significativamente, dos 60 aos 65 anos, na adultez média final, exacerba-se a preocupação com a aposentadoria, assim como fica enaltecida a percepção pelo desempenho das ocupações socioculturais. Enfim, há um desejo intrínseco de ser recompensado por tudo de útil que tenha produzido ou que se perceba capaz de realizar.

Neste momento da vida adulta fica evidente a necessidade de ressignificar, todas as condutas sociais e buscar modos significativos de viver pessoalmente. Os motivos internos de tornar-se útil aos demais, talvez pela disponibilidade de tempo, ou por motivações externas de sentir-se bem, assim como a busca por uma qualidade de vida não descoberta, podem ser alguns dos aspectos que possibilitem novas vivências.

Ao seguir pelas faixas etárias, encontra-se a subdivisão da adultez velha, em adultez velha inicial, seguida da adultez velha plena e por último, adultez velha final. Com as respectivas idades cronológicas de 65 a 70, depois de 70 a 75 anos e por fim, aproximadamente dos 75 anos até a morte.

No que se refere a essa divisão etária, não se considera, pois, o aumento da expectativa de vida, atualmente, em muitos países, permitido pelas descobertas da medicina e pela busca de uma melhor qualidade de vida do ser humano. Com isso, percebe-se que há uma significatividade muito importante em cada ano dessas faixas etárias da adultez tardia. Cada ano vivido traz ímpares singularidades, um percurso existencial de intensa representatividade pessoal, provavelmente pelo declínio biológico e proximidade do final da vida humana. Um ímpeto de grandiosas atuações.

Neste percurso de caracterizar as fases da vida adulta, encontra-se na terceira fase, a adultez tardia ou adultez velha, fase existencial na qual acontecem momentos de transformações muito significativas no que se refere ao exterior de cada pessoa e às suas possibilidades físicas de

realizações. Conseqüentemente, as suas construções internas de toda a vida refletem-se em significados particulares de cada ser humano.

No período existencial dos 65 aos 70, na fase da adultez velha inicial, ainda perpassam os desejos de realizações pessoais que, muitas vezes, a própria sociedade culturalmente construída, acaba por arruinar com discriminações e gestos de intolerâncias. Essas demonstrações de não aceitação da representação social do idoso são direcionadas aos indivíduos mais experientes em ações e interrelações pessoais. Muitos indivíduos, infelizmente, não percebem a importância que as pessoas mais velhas, cronologicamente, têm na qualidade de vida e no seu futuro. Esta é uma sociedade extremamente individualista, constituída principalmente por padrões de beleza física e por valores de consumo.

Salienta-se também, que na adultez tardia, o declínio das capacidades corporais, especialmente as condições motoras, acaba por determinar o não envolvimento nas responsabilidades sociais. O que, conseqüentemente, contribui para um envelhecimento mais acelerado, sempre que não houver mais um motivo extrínseco que resgate a motivação intrínseca até então constituída. A sociedade não está preparada para atentar ao conhecimento e experiência que a adultez avançada possui para partilhar.

Por isso, diz-se popularmente, muitas vezes, que o corpo não mais acompanha a mente. Ou melhor, a estrutura corporal não mais acompanha os desejos particulares e intra-subjetivos, que só a pessoa pode conhecer. Ou, ainda, as possibilidades corporais não tão ativas, nessa fase da vida, não permitem tantas atividades que exigem a utilização do corpo. Nessas situações, sabe-se que há um reflexo direto na auto-imagem e auto-estima do indivíduo, que não se sente, muitas vezes, capaz de alguma realização e verbaliza sua auto-depreciação.

Com tantas circunstâncias sociais vivenciadas dos 70 aos 75 anos, etapa da vida adulta velha plena, o indivíduo sente o desejo de demonstrar do que ainda é capaz, do seu controle pessoal, evidenciando o desejo de ser autônomo e não depender de outras pessoas para fazer aquilo que entende saber muito bem como realizar. Pode-se dizer que, em toda adultez velha, este comportamento humano, que visa demonstrar autonomia, é observado com freqüência.

Logo, a partir dessa vontade de ser autônomo, o indivíduo adulto tardio ou avançado tem uma necessidade incondicional de ser aceito como ele é. Desejo de compartilhar suas vivências, de ser ouvido, de ter o prazer

de dedicar seu “precioso” tempo às suas possibilidades, sem preocupar-se mais com as manifestações de repúdio do social.

As transformações físicas que acontecem ao longo da vida de cada ser humano, são visualmente evidentes. No entanto, o construto da imagem corporal que cada pessoa vai vivenciar durante seu desenvolvimento, o torna único, em suas características físicas, em sua diversidade de construção e ação, influenciando as idiosincrasias emocionais e psicológicas. Em tudo, o ser humano é subjetividade e é diversidade.

Percebe-se, em várias etapas da vida adulta, que as transformações biológicas acabam interferindo, ou mesmo determinando, as mudanças psicológicas de cada indivíduo e vice-versa. Pois, em situações adversas revelam-se processos de amadurecimento que podem provocar a efetivação da resiliência de maneira distinta em cada ser humano, em cada circunstância, em cada etapa da vida.

Em todas essas representações pessoais percebe-se a configuração do social alicerçando e atribuindo às realizações de cada indivíduo adulto, de inter-relações a intra-relações que se estabelecem. Neste sentido, Mosquera (1982, p. 96) afirma: “cremos que entender o adulto é entender o fenômeno abrangente da sociedade que nos rodeia”.

Em cada etapa da vida adulta, ou em suas subdivisões, revelam-se características e processos de crescimento, que envolvem momentos de transições, de crises, de passagens de um estado emocional psicológico para um outro, no que se refere ao desenvolvimento e amadurecimento pessoal, em busca da auto-realização.

## **PROCESSOS MOTIVACIONAIS E DIVERSIDADE**

Cada ser humano revela-se em distintas internalizações e subjetividades ímpares, que o caracterizam e o identificam com exclusividade. Seja pelos processos motivacionais vivenciados por cada indivíduo, nos diferentes contextos sociais e culturais, ou pelas características individuais de cada um, o ser humano constitui-se na diversidade.

A motivação, segundo Alonso Tapia e Fita (1999) é um conjunto de variáveis que ativam a conduta do ser humano e o orientam em determinado sentido para poder alcançar um objetivo. É um processo que cada ser humano apreende de formas distintas, em virtude de suas relações interpessoais e intrapessoais. Desde a infância, as interações com outros seres humanos irão contribuir, mas não de forma determinista, à

internalização dos motivos intrínsecos do indivíduo em sua diversidade, a menos que novos motivos extrínsecos possam revelar-se em renovados processos motivacionais internalizados.

Já Huertas (2001, p. 54) enfatiza: “motivação humana deve entender-se como um processo de ativação e orientação da ação”. Isto é, no sentido de que o ser humano deve atuar e participar conscientemente de cada ação em sua vivência. Portanto, a motivação, para o mesmo autor, é um conjunto de padrões de ação que ativam o indivíduo a executar determinadas metas (querer aprender), com sua carga emocional, as quais se instauram na própria cultura do sujeito.

Ressalta-se que na contemporaneidade as tantas evoluções na área da medicina e de tecnologias avançadas proporcionam, ao indivíduo adulto, motivos externos para uma digna vida humana e mais duradoura, portanto, os motivos externos configuram-se em motivos internos. Sendo assim, é importante que as relações sociais sejam diversas em qualidade e oportunidades.

Cabe salientar que não somente as ações conscientes fazem parte desse processo motivacional. Mesmo não sendo esse o objeto deste estudo, considera-se necessário destacar a sua importância, já que muitas das nossas ações são realizadas em função do nosso inconsciente.

Huertas (2001) afirma que a grande maioria das atividades e das ações cotidianas que executamos não são motivadoras, sejam elas de cunho educativo, profissional ou em situações rotineiras de aprendizagens de vida.

Nesse sentido, argumenta:

Uma ação está, portanto, intrinsecamente motivada quando o que interessa é a própria atividade, que é um fim em si mesmo, não um meio para outras metas. O interesse se centra então, no que é novo ou revelador da tarefa. São atividades que chegam ao fim com ausência de contingência externa aparente, sem nenhuma recompensa que a regule (HUERTAS, 2001, p. 99 – tradução nossa).

Para Maslow (s.d., p. 48), a pessoa diz “sou motivada quando sinto desejo, ou carência, ou anseio, ou desejo ou falta”. Assim, a motivação revela-se pela necessidade e deficiência particularmente vivenciada em cada indivíduo. Salienta-se que os motivos e as metas de cada ser humano podem estar ligados às necessidades humanas em cada indivíduo, pelos processos culturais ou históricos que caracterizam uma época.

Mosquera (1985, p. 150), destaca que “Maslow descreveu as necessidades de crescimento como uma categoria mais elevada que as

necessidades básicas. Elas incluem valores intrínsecos a todo indivíduo, [...]”. Ou seja, enquanto o adulto não tiver satisfeitas suas primeiras necessidades fisiológicas e de crescimento, no sentido de adquirir o mínimo para uma vida digna de qualidade, parece que não irá buscar outras necessidades mais acima das primeiras, no que se refere ao ideário hierárquico de Maslow.

Caracterizando essas necessidades anteriormente apontadas, Maslow (s.d), enumera-as, numa hierarquia progressiva: necessidades fisiológicas, necessidades de segurança, necessidades de amor, necessidades de estima e necessidades de auto-realização. Forma-se, pois uma pirâmide com base nas necessidades fisiológicas de ar, água, alimento, repouso, refúgio e sexo. São as primeiras necessidades humanas a serem supridas.

Logo acima, na escala de Maslow, em segundo plano está a necessidade de segurança. Segundo Mosquera (1985, p. 146), essa hierarquia, “se percebe mais nas crianças porque o adulto foi ensinado a inibir a reação a perigos”. Num terceiro degrau da Hierarquia de Maslow aparecem as necessidades de amor. São as necessidades próprias dos grupos sociais, que realizam as trocas de relações afetivas entre si procurando conquistar seu espaço social. Percebe-se que essas necessidades tornam-se evidentes em pequenos grupos socioculturais e constituem os mesmos.

No plano acima das necessidades de amor, estão as necessidades de estima, e dentro destas está a auto-estima e o respeito por parte dos outros. Ou seja, a necessidade de sentir-se estimado e respeitado pelos outros. A falta de supressão dessas necessidades pode acarretar incapacidades de auto estimar-se, levando aos sentimentos de impotência, inferioridade, entre outros. Maslow afirma que “a satisfação da necessidade de auto-estima conduz a sentimentos de autoconfiança, valor, força, capacidade e utilidade. Sua frustração traz sentimentos de inferioridade, fraqueza e desamparo” (apud MOSQUERA, 1985, p. 147).

Na seqüência apresentada, estão no último degrau da Hierarquia de Maslow, as necessidades de auto-realização. O ser humano acaba por revelar essas necessidades, somente após ter satisfeitas as anteriores. Isso pode acontecer durante toda uma vida, seja em qualquer nível de realização e desenvolvimento pessoal que a pessoa se encontrar.

Contudo, as necessidades e intencionalidades que o ser humano compreende e busca após as anteriores conquistas baseiam-se em valores do ser, no “desejo de a pessoa tornar-se sempre mais do que é, de vir a ser tudo o que pode ser” (MASLOW apud MOSQUERA, 1985, p. 166).

Entretanto, ressalta-se que os processos motivacionais são constituídos como um sistema complexo que se estabelece a partir de diferentes elementos, tanto do próprio sujeito, intrínsecos, quanto de variáveis externas, extrínsecas. Ou seja, a motivação do ser humano, deve ser entendida na sua integralidade, mas percebida desde a sua singularidade.

Nesse sentido, o singular em cada pessoa, é definido tanto pela diversidade individual, correspondente a cada sujeito, bem como pela diversidade contextual. López Ocaña e Zafra Jiménez (2006) consideram “a diversidade como um fator diferenciador, de origem natural ou social [...]”.

Assim a diversidade está presente em todas as instâncias de vida do ser humano. Seja pelas características pessoais que o diferem de um indivíduo para outro, ou pela fase da vida em que se encontra, ou ainda, pelas relações interpessoais. A diversidade também pode ser percebida pelos processos motivacionais que vão se constituindo intrinsecamente em cada indivíduo.

Logo, quando nos referimos diferentemente a dois indivíduos, mais evidente torna-se a diversidade, pela própria subjetividade de cada um. Parece que a diversidade é uma consequência no ser humano.

Contudo, serão as vivências pessoais influenciadas pelo social, que determinarão a construção do *ser humano*. Assim, as primeiras relações familiares compreenderão as construções dos próprios ideários e dos conceitos que internalizamos da cultura. Nessas primeiras interrelações terá início a real percepção acerca de si mesmo, de acordo com o nível de relações estabelecidas. Mosquera (1975, p. 66) destaca: “o relacionamento com as outras pessoas estabelece o roteiro cinematográfico da nossa personalidade”. O sentimento acerca do próprio eu, refere-se às vivências pessoais vinculadas ao desenvolvimento cognitivo, à representação social do humano e às construções motivacionais de cada indivíduo.

Além do mais, a riqueza do diverso em cada ser humano e de cada um em relação ao outro, representa a possibilidade de se instituir novas e distintas relações interpessoais. O próprio desenvolvimento de cada pessoa está relacionado a todas as ações e vivências cotidianas e a motivação intrínseca construída desde os primeiros anos de sua existência. No entanto, cabe ressaltar que as circunstâncias de vida e as experiências vivenciadas podem provocar motivações extrínsecas capazes de fazer parte de novas internalizações.

Mosquera (1987, p. 55) delinea:

### **Educação**

O homem se manifesta nas suas relações com seus semelhantes, não somente como um ser vivo que se empenha na sua auto-conservação e auto-realização, senão também como pessoa, isto é, como portador de valor e dignidade. Como pessoa se reflete não só na sua consciência senão também na dos seus semelhantes.

Os estudos de Maslow contribuíram para o entendimento de que o ser humano desenvolve-se ao longo da vida, partindo da experiência vivida de cada indivíduo. Vandenplas-Holper (2000) apresenta entre os fundamentos da concepção humanista, de acordo com as publicações de Charlotte Bühler, as idéias de alguns autores, entre eles Maslow. Estes, não aceitavam a idéia da psicanálise, de que o ser humano encontra-se num estado de desequilíbrio e procura o equilíbrio pelas pulsões e adaptações das normas sociais, e concebem o ser humano em constante desenvolvimento psicológico e crescimento ao longo da vida em busca da auto-realização.

Maslow [1974?], ao apresentar a psicologia humanista, pressupõe o ser humano como um ser social, pertencente a uma sociedade, mas, que possa ser respeitado em suas potencialidades. Nesse sentido, é necessário considerar a subjetividade desse ser humano, pela qual virá a compor sua própria diversidade em relações intrapessoais e interpessoais, ao longo de seu desenvolvimento, nas etapas de vida adulta.

Considera-se que a diversidade pode ser entendida numa dialética entre a personalidade de cada ser humano e as diferentes relações que se estabelecem com outros indivíduos. Tanto em sua própria diversidade intrínseca, quanto pelas diferenças que os seres humanos exacerbam entre si, cada pessoa precisa ser entendida e respeitada como tal.

É preciso, pois, perceber a vida qualitativamente, dar valor às experiências da vida humana, perceber o homem como agente de sua existencialidade, num processo biológico de desenvolvimento ao longo da vida, aceitar a subjetividades que está em cada pessoa. Isto é, fazer da vida humana uma realidade em ideais positivos, com perspectivas de futuro a alcançar (ANTUNES 2007, p. 56).

### **MOTIVAÇÃO E DIVERSIDADE NA VIDA ADULTA**

A vida adulta, sendo um contínuo vital, não pode ser entendida como uma fatia do todo, mas, como sendo o todo em contínua reformulação e mudança. Nesse sentido, a vida do adulto deve ser percebida tanto em sua diversidade intrínseca como em sua heterogeneidade contextual.

#### **Educação**

A referência da vida adulta dividida em três fases, de acordo com Mosquera, aponta-se uma ligação direta de cada fase com uma ordem sequencial das metas motivacionais. Cabe ressaltar que essas características estão mais relacionadas com o grau de desenvolvimento da maturidade da pessoa do que com a idade cronológica, sendo assim, é fundamental levar esta questão em consideração, quando nos referimos às diferentes características nas fases da vida adulta, as quais se interpenetram e não são estanques.

Os estudos mais recentes de Schaie e Willis (2003) sobre a motivação humana analisam o que influi na intensidade e duração das nossas ações e na direção das nossas condutas. Essas pesquisas estão centradas na atividade dirigida a metas, as quais se constituem em um fator importante da motivação.

Já Alonso Tapia (2005), ao considerar a motivação para aprender, salienta que essa depende dos objetivos, o que se quer alcançar; das metas, a satisfação que se vai obter; dos custos, os efeitos negativos ou conseqüências positivas e das expectativas para conseguir algo. Um dos tripés, que sustenta a motivação em cada pessoa, refere-se aos indicadores das metas enfrentadas em cada atividade. No estudo desse autor encontram-se, também, os referenciais sobre os motivos que levam os estudantes a querer aprender, e relaciona-o com as diferentes características de cada fase da vida adulta. A partir do exposto anteriormente sobre esta fase da vida e a diversidade, apresenta-se uma reflexão comparativa entre essas idiosincrasias e os indicadores motivacionais apresentados por Alonso Tapia (2005).

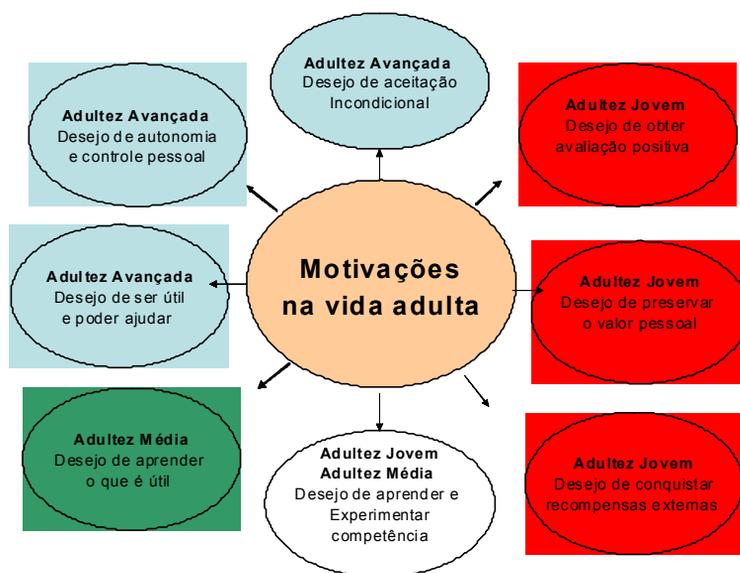
Inicialmente, percebe-se que o adulto jovem, no começo de sua inserção social, no que se refere ao trabalho e constituição familiar, apresenta maior motivação quando avaliado positivamente. Esta valoração pessoal aparece num sentido da própria preservação individual, bem como, parece ser importante receber externamente recompensas por sua realização. O adulto jovem, ainda em processo de amadurecimento, necessita uma valoração externa de suas habilidades e capacidades.

Na adultez média, considera-se que a aprendizagem que vem acontecendo ao longo da vida torna-se um prazer e um desafio ao indivíduo pela experiência que isso proporciona. Essa característica também é percebida na adultez jovem e continua ao longo da vida. Um outro aspecto demonstrado na vida adulta média é a preocupação em aprender a ser útil e em partilhar as suas aprendizagens e tornar-se realmente gerativo, sendo, portanto uma época da vida de grande produtividade e significado.

Enfim, na adultez tardia ou avançada, o ser humano quer empenhar-se em ajudar os outros, sendo útil para com os demais indivíduos de sua convivência. Sheehy (1997) define esta fase de segunda onda de cuidados dispensados a outros, após ter cuidado dos seus filhos e pais, as pessoas, muitas vezes, começam a cuidar dos seus cônjuges e de outros adultos que precisem de cuidados. Também se percebe que há um contingente de autonomia muito presente em relação ao próprio controle pessoal construído. Os adultos avançados apresentam, em muitas circunstâncias, a necessidade de possuir autonomia e poder decidir sobre os seus atos.

Salienta-se que, assim como as faixas etárias não podem ser restritas dentro de cada fase da vida adulta, mas são denotadas distintamente, em cada meio social em que a pessoa estiver inserida. Também, as evidências motivacionais de cada indivíduo, podem traduzir-se pela própria diversidade, alicerçadas nos contextos socioculturais e características pessoais.

A seguir, apresenta-se a figura organizada a partir dos estudos aqui elencados pela teorização de Alonso Tapia (2005). São metas motivacionais reveladas durante a vida adulta, num percurso horário, pelas faixas etárias abarcadas.



Motivação na vida adulta

#### Educação

A partir da figura apresentada e das reflexões realizadas neste estudo, pode-se inferir que a motivação na vida adulta, em cada etapa com as suas idiossincrasias, apresenta aspectos comuns que levam as pessoas a agirem conforme as influências externas, mas que, sem dúvida, são definidas por internalizações pessoais. Portanto, considera-se que compreender os aspectos motivacionais na vida adulta está mais relacionado com as características do desenvolvimento maturacional das pessoas, inferido pelas relações interpessoais e intrapessoais, do que pela própria idade, cronologicamente demonstrando.

Huertas (2001, p. 49) esclarece que “uma mesma pessoa em situações similares pode optar por ações e metas distintas, de acordo com o momento, dependendo de uma série de circunstâncias [...]”. Assim, os processos motivacionais devem ser entendidos na sua integralidade, mas percebidos desde a sua singularidade. Contudo, compreender os aspectos significativos da vida adulta, acima de tudo, pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Por isso, esse artigo preocupa-se em salientar os aspectos mais relevantes da vida humana, especificamente na fase da adultez, conforme os princípios da chamada psicologia positiva em sua diversidade motivacional.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO TAPIA, Jesus. **Motivar en la escuela, motivar en la familia**. Madrid: Morata, 2005.
- ALONSO TAPIA, Jesus; FITA, Enrique Catarla. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- ANTUNES, Denise Dalpiaz. **Relatos significativos de professores e alunos na educação de jovens e adultos e sua auto-imagem e auto-estima**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- HUERTAS, Juan Antonio. **Motivación: querer aprender**. Buenos Aires: Aiqué, 2001.
- LÓPEZ OCAÑA, Antonio Maria; ZAFRA JIMÉNEZ, Manuel. **A atenção à diversidade na educação de jovens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MASLOW, Abraham Harold. **Introdução à psicologia do Ser**. Rio de Janeiro: Eldorado, [1974?].
- MATURANA, Humberto R. **Del ser al hacer**. Los orígenes de la biología del conocer. Santiago: J C Sáez, 2004.
- MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Psicodinâmica do aprender**. Porto Alegre: Sulina, 1975.

\_\_\_\_\_. A motivação humana na concepção de Abraham Harold Maslow. In: MOREIRA, Marco Antonio et al. **Aprendizagem**: perspectivas teóricas. Porto Alegre: Editora da Universidade/PADES/UFRGS/PROGRAD, 1985. p. 144-167.

\_\_\_\_\_. **Vida adulta**: personalidade e desenvolvimento. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1987.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. Vida Adulta: Visão Existencial e Subsídios para Teorização. **Educação**, Porto Alegre, n. 5, p. 94-112, 1982.

SANTOS, Bettina Steren dos et al. A motivação na Educação: Abrindo fronteiras para a reflexão. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL, II., 2006, Porto Alegre.

SCHAE, K. Warner; WILLS, Sherry, L. Psicologia de la Edad Adulta y la Vejez. Madrid: Pearson, 2003.

SHEEHY, Gail. **Novas passagens**. Um roteiro para a vida inteira. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

VANDENPLAS-HOLPER, Christiane. **Desenvolvimento Psicológico na idade adulta e durante a velhice (maturidade e sabedoria)**. Desenvolvimento Psicológico. 1. ed. Porto: ASA Editores, junho 2000.